

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

4 - aula de 10 de janeiro de 1978 - ler, escrever e contar

Comentário de Jairo Gerbase em 26/04/00

### 1] O que é uma análise?

Vimos recentemente Krutzen dar duas definições do real, seja o nó borromeano propriamente dito ou uma de suas rodinhas de cordão. Estamos tão acostumados a identificar o inconsciente com o simbólico que soa estranho Lacan propor uma face de real do inconsciente. Creio que ele foi prudente porque, de fato, o inconsciente é mesmo o real, no sentido em que ele próprio o definiu no Seminário *L'Insu...* como o impossível de ser apreendido.

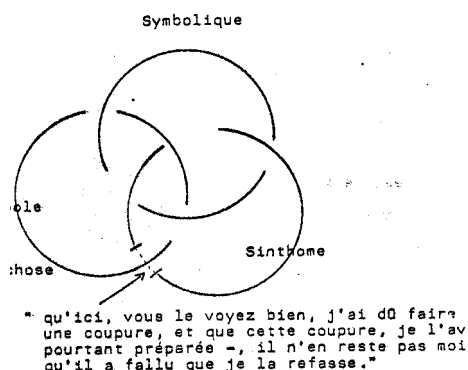
O diagrama que segue representa uma tentativa de reescrever o nó borromeano em sua forma elementar - o nó de três rodinhas - no qual o sintoma substitui o imaginário, isto é, substitui a rodinha que dá consistência corporal ao sistema. Por sua vez, o simbólico é a rodinha que torna possível dizer até o limite do dizer. O simbólico é a linguagem. Que ela ocupe o lugar do imaginário neste diagrama, não altera em nada o resultado do sistema. É uma espécie de propriedade comutativa da operação: a ordem das rodinhas não altera a função do sistema. Pode-se escrever: RSI, SIR e IRS. Desta vez, Lacan escreveu:  $\Sigma$ SR, o que é perfeitamente possível, dado que o sintoma aí está elevado a dignidade de uma ordem.<sup>1</sup>

Vale notar que escrevo o sintoma com a grafia moderna porque minha hipótese é que, quer estejamos no início quer estejamos no fim de uma análise, o sintoma é sempre um elemento irreduzível, é mesmo o que Lacan chama de real, a única coisa verdadeiramente real, que conserva um sentido no real.<sup>2</sup>

Isso inclusive me leva a dizer que o léxico psicanalítico por excelência é o sintoma, que vale melhor operar com o léxico sintoma que com os léxicos sujeito ou mesmo falaser. Para dizer de um modo imediatamente assimilável, diria que o sintoma é o *ego*.

Enfim, a face de real a que se está peado, petrificado, é o sintoma e esse é o novo nome do inconsciente. O inconsciente é a face do real a que se está peado, isto é, o sintoma, o verdadeiramente real.

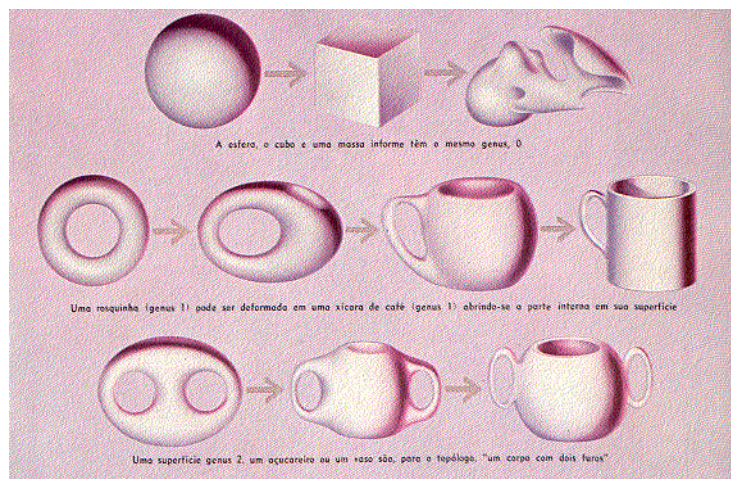
De tal maneira que parodiando Krutzen, diria que há duas definições do sintoma: o próprio nó borromeano e uma das rodinhas de cordão.



Considerado como tal, não se poderia esperar da análise dissolver o sintoma. Seria algo como pretender dissolver o real. Tudo o que é possível esperar [e vale lembrar que o possível é o que pára de se escrever] é que se aprenda a lidar com o sintoma, que seja possível identificar-se ao seu sintoma, definição cabal do fim da análise.

Falamos do resultado de uma análise como uma espécie de transformação. Seria necessário precisar esse léxico, e uma maneira de precisá-lo é recorrendo à sua dimensão topológica. Podemos fazer uma esfera mudar para a forma de um cubo e em seguida para uma figura informe. Podemos

fazer uma rosquinha transformar-se em uma xícara. Os topólogos denominam essa operação de transformação, isto é, mudança na forma de uma superfície, que deixam inalteradas certas propriedades básicas e que não partem a superfície como um todo. A figura assim transformada, realmente não mudou nada. Quando uma criança pega uma massa de modelar, espreme-a na forma de uma caixa e depois a amassa num disco, está executando transformações topológicas, pois o que fez realmente foi deformar a bola de massa sem parti-la ou rasgá-la. Todas as transformações topológicas envolvem uma propriedade denominada *genus* da superfície. De modo geral, o genus é definido conforme o número de furos que tem o objeto ou, como dizem os topólogos, pelo número de cortes fechados ou completamente circulares, que não se interceptam e que podem ser feitos na superfície sem dividi-la em dois pedaços. Por meio de transformação topológica, um toro [uma câmara de ar] pode ser virado ao avesso sem rasgar. Por meio de transformação topológica o inconsciente [o sintoma] pode se tornar consciente [sabido].<sup>3</sup>



Mas isso não quer dizer que se operou uma transformação estrutural do sujeito. Aliás, o léxico sujeito vem se tornando uma metáfora usual e por isso vem perdendo sua eficácia. Uma transformação estrutural nada implica de subjetividade. Trata-se tão somente de uma mudança de forma, da transposição da relação de significantes, ou seja, da relação do *est-ce un* [S<sub>1</sub>] com o *est-ce deux* [S<sub>2</sub>]<sup>4</sup> que também denominamos saber. Por isso Lacan diz que a análise é ligada ao saber, ou seja, ao [S<sub>2</sub>] que nada mais é do que o duplo sentido de [S<sub>1</sub>].

Posso agora entender porque a análise não consiste em ser liberado do sintoma, mas em saber porque se está peado ao mesmo. Esta é uma dedução coerente com o conceito de simbólico, de inconsciente. Chamo a atenção para a definição rigorosa do inconsciente que Lacan dá nessa aula: "o inconsciente é isso, é que se aprende a falar, e que por isso se é deixado sugerir, pela linguagem, toda espécie de coisas". O fato de que se aprende a falar deixa traços, e o nome propriamente dito desses traços é sintoma. Por isso faço confundirem-se os léxicos inconsciente e sintoma.

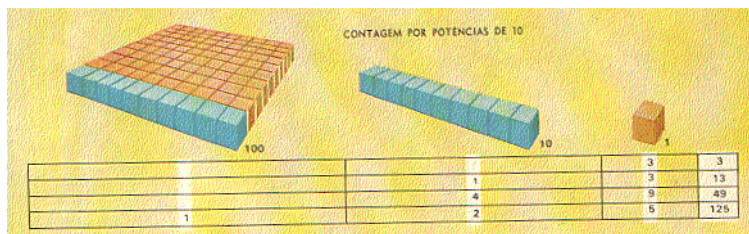
## 2] Ler, escrever e contar

O homem é a única criatura da Terra que executa o complicado processo de contar. Os homens primitivos provavelmente formavam números com os dedos. Com a evolução da sociedade, os cálculos tornaram-se complicados, propiciando o aperfeiçoamento de dispositivos para sua execução. Assim chegamos ao computador eletrônico.<sup>5</sup>

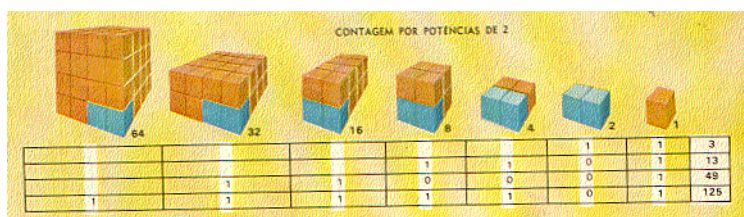
Há uma piada que diz que existem na Terra três espécies de seres: os que sabem contar e os que não sabem contar. Aquele que pergunta pelo terceiro, prova bem que pode ser inscrito entre os que sabem contar.

Em princípio, essa asserção - o homem é o único ser que sabe contar - vale também para o caso de falar e ler e escrever. Os dois momentos de efetuação da estrutura. Porém, contar é mais difícil. Lacan promete dizer por quê.

A representação simbólica dos números requer a escolha prévia de uma base de numeração. O conhecido sistema de numeração decimal usa 10 símbolos - 0 e os algarismos de 1 a 9 - para escrever qualquer número, por maior que seja. Todos os números desse sistema são feitos de blocos de valores 1, 10 e potências de 10 [tais como 100, que é  $10 \times 10$ ; 1.000, que é  $10 \times 10 \times 10$ ; etc.]. Para escrever o número 3 são precisos três blocos 1. Para escrever o número 13 são precisos um bloco 10 e três blocos 1.<sup>6</sup>



O sistema binário usa blocos de valor 1, 2 e potências de 2 [tais como 4, que é  $2 \times 2$ ; 8, que é  $2 \times 2 \times 2$ ; etc.]. Para escrever o número 3 com blocos binários é preciso um bloco 1 e um bloco 2, o que se escreve 11. Para escrever o número 13 é preciso um bloco 8, um bloco 4, nenhum bloco 2 e um bloco 1 - o que se escreve 1101. Na linguagem sim-não dos computadores eletrônicos, quando o sistema binário representa 100 como 1100100, isso significa: um bloco de 64, sim; um bloco de 32, sim; um bloco de 16, não; um bloco de 8, não; um bloco de 4, sim; um bloco de 2, não; uma unidade, não.<sup>7</sup>



É impossível contar sem duas espécies de algarismos. Tudo parte do zero, e todo mundo sabe que ele é capital.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
0	01	02	03	04	05	06	07	08	09

O que é o número um? ou: o que significa o sinal 1? Frege sempre responderá: "o número um é uma coisa". A equação  $1 + 1 = 2$  vai tornar possível sua fórmula  $[n + 1]$  que assim se enuncia: "um número natural é uma soma de uns". Os diferentes modos do número não são capazes de nenhuma outra diferença que não a de mais ou menos; são por isso modos simples, como os do espaço. Os números comportam-se também de modo completamente diferente que os indivíduos, digamos, de uma espécie animal, pois possuem por natureza uma hierarquia determinada, pois cada um é formado de maneira peculiar e possui características peculiares, o que é particularmente evidente no caso do 0, do 1 e do 2. Há muitas questões que Frege se propõe sobre o número, tais como: se são demonstráveis; se são verdades; se o número é uma propriedade das coisas; se é algo subjetivo.<sup>8</sup>

Lacan, por sua vez, chega a dizer que o algarismo funda a ordem do signo, que até 4, 5, 6, no máximo, os números são do real e tem um sentido que denuncia sua função de gozo sexual.<sup>9</sup> O real que é definido como o impossível, isto é, como o que não pára de não se escrever, assim mesmo, não pára de se escrever, ou seja, se escreve como não se escrevendo. Por isso é preciso usar de um artifício para escrevê-lo, e a matemática é esse artifício de escrita, que permite escrever o real.

Tentando ser didático, diria, como disse no comentário da aula 3, que falar é simbólico e dizer é real, que dizer tem tudo a ver com a verdade, e que é nesse sentido que é impossível dizer tudo. Lacan chega a sugerir que o "passe" possa se fazer por escrito, porque o que "passa pelo escrito", como nas matemáticas, tem mais chance de atingir o real, isto é, o dizer. Assim, talvez, se pudesse ler.

Trata-se de ler o que se chama já classicamente de formações do inconsciente: sonhos, lapsos, chistes e principalmente o sintoma, dado que estas formações significantes estão escritas no inconsciente. O problema é quem as lê.

Quem lê o sintoma? Será um sujeito? Dado que se trata de saber, Freud inventou um método de leitura do sintoma, ou do inconsciente [se se quer estender a leitura às outras formações], que se denomina de transferência. Como disse no comentário anterior, há limites ao falar, ao simbólico. Então, se passa à outra dimensão, que é o dizer, digamos, à dimensão real da linguagem. Aí incide o ato. Nesse sentido a transferência é um método de dizer quando se atinge o limite do simbólico, da linguagem. Esse método consiste em fazer a suposição de saber ler de outro modo. Trata-se de suposição, não de sujeito, pois o que se dá a ler no inconsciente é o furo do Outro - [S(A)].

Ler de outro modo é ler a falta do outro. Escreve-o com minúscula, salvo quando quero escrever o matema [S(A)], porque o outro é aí o parceiro do casal "mesmo-outro", o que é uma forma de ir se desvencilhando da já muito usual parilha "sujeito-Outro".

Há mesmo na clínica estrutural e na clínica dos discursos, esse equívoco que nos leva a ler a falta enquanto falta de um objeto realmente perdido. A hipótese de uma clínica tórica, de uma clínica de nós, é o esforço de insistir sobre esse outro modo de ler, que consiste em considerar a falta como o furo do toro, isto é, como a presença do não-objeto primordial. Trata-se de um outro modo de faltar.

Na teoria dos conjuntos, Cantor obteve o êxito de distinguir diferentes ordens de infinito em conjuntos infinitos diferentes. Comparou os conjuntos infinitos casando seus membros dois a dois. Com esse método aparentemente simples, obteve conclusões surpreendentes. Por exemplo, todas as frações podem ser casadas contra o conjunto infinito de todos os números inteiros. Os dois conjuntos infinitos, conseqüentemente, são "iguais" e, no entanto, o conjunto de todas as frações inclui o conjunto de todos os números inteiros, por abranger termos tais como 2/1 ou 6/2; em outras palavras, embora os dois conjuntos sejam iguais, um contem o outro como subconjunto. Pela mesma técnica, Cantor verificou que outros conjuntos infinitos - todos os pontos em um segmento de linha, por exemplo - não podem ser casados contra os números inteiros. Resumindo, não podem ser contados; os pontos são infinitamente mais infinitos do que os números inteiros. Cantor encontrou outras ordens de infinito - outros "números transfinitos" - que são ainda mais infinitos. Criou uma Aritmética para lidar com tais conjuntos infinitos - uma verdadeira arma, com a qual os matemáticos podiam cortar seu velho adversário, o infinito, em diversas fatias lógicas.<sup>10</sup>

Cantor ensinou a contar os conjuntos biunívocos, aquele em que a cada elemento do conjunto  $m$  [de mesmo], corresponde um só elemento do conjunto  $o$  [de outro], e todo elemento de  $o$  é o correspondente de um único elemento de  $m$ . Em tais condições, os conjuntos estão em correspondência biunívoca. Ele distinguiu dois tipos de conjuntos, o conjunto contável e o conjunto não contável. Fez equivaler a série dos números inteiros, por exemplo, com a série dos números pares. Um conjunto só é contável a partir do momento em que se demonstra que ele é biunívoco.

$$\{S_1 \rightarrow S_2\}$$

correspondência biunívoca

Mas na análise é o equívoco que domina, pois há de um lado o real que também se chama de uma coisa e, do outro lado, a linguagem que é imperfeita, porque não pode dizer tudo. De outro modo, a imperfeição da linguagem é não poder dizer senão de modo sucessivo o que na realidade se passa de modo simultâneo. Há um equívoco entre o real e o simbólico. A linguagem é imperfeita. Paul Henry chama a linguagem de uma má ferramenta, e é exatamente por isso que não temos nenhuma idéia do real.

$$\{\Phi // \emptyset\}$$

correspondência equívoca

<sup>1</sup> Ver meu RSIS.

<sup>2</sup> Ver aula de 15/03/77 do Seminário *L'Insu...* O simbolicamente real não é o realmente simbólico. O realmente simbólico é o simbólico incluído no real, que tem efetivamente um nome - isto se chama a mentira. O simbolicamente real, ou seja, isto

---

que do real se conota no interior do simbólico, é a angústia. O sintoma é real. É mesmo a única coisa verdadeiramente real, quer dizer, que conserva um sentido no real. É bem por essa razão que a psicanálise pode, se existe a chance, intervir simbolicamente para dissolvê-lo no real.

<sup>3</sup> Ver "Topologia: a matemática da distorção", in *As Matemáticas*, Biblioteca Científica Life, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1969.

<sup>4</sup> Ver Krutzen, H., "Introdução à topologia do sujeito", inédito. Curso ministrado no Campo Lacaniano na Bahia, 12 a 17/04/00. Henry introduziu entre nós esse equívoco homofônico.

<sup>5</sup> Ver "Números: longa caminhada de um a zero", in *As matemáticas, op. cit.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> Ver Frege, J. G., "Os fundamentos da Aritmética", 1884.

<sup>9</sup> Ver a "Introdução à edição alemã dos Escritos", 7 de outubro de 1973, *Falo 2*, Fator, Salvador, 1988.

<sup>10</sup> Ver "As matemáticas atualmente: feitos, dúvidas, sonhos", in *As matemáticas, op. cit.*